

OS FAVORITOS PRECÁRIOS: sonhos, aspirações, expectativas e perspectivas de trabalho de jovens estudantes do ensino superior

Progresso de investigação em curso

GT 22: Sociologia da Infância e da Adolescência

Maria Isabel Silva Bezerra Linhares

RESUMO

Este estudo teve como objetivo conhecer as perspectivas da jovens universitários no contexto de crise do mercado de trabalho no capitalismo global, de modo a compreender como estes vêm construindo sonhos, aspirações, expectativas e perspectivas com relação ao ensino superior e aquilo que imaginam venham a ser seu próprio futuro profissional. Consta-se que os estudantes tendem a formular a necessidade de alterações em certas práticas, alterações essas incompatíveis com o próprio rumo que a universidade tomou em função da política de aviltamento profissional coerente com a internacionalização da economia. A universidade portanto, por si só, é hoje incapaz de garantir ocupação específica, emprego estável, status social, prestígio e rendimento nos moldes até poucos anos vigentes no país.

Palavras-chave: Juventude. Formação Profissional. Precariado.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo procura elucidar as relações que se estabeleceram entre a formação de jovens ingressos ou egressos do ensino superior e as mudanças econômicas sociais impostas pelo poder do capital, que mesmo com o crescimento do PIB ocorrido na década de 2000, a partir de 2003, não se alterou de forma significativa, a precariedade salarial entre os jovens-adultos altamente escolarizados.

Segundo Alves (2012) na temporalidade histórica do capitalismo global, com a ofensiva das políticas neoliberais, afirma-se como traço estrutural do sistema mundial do capital a precarização estrutural do trabalho (MÉSZÁROS, 2007). No Brasil, apesar do crescimento do emprego por tempo indeterminado e da redução da taxa de informalidade a partir de 2003, a precariedade salarial se manifestou pelo aumento, em termos absolutos e relativos, da presença de “trabalhadores periféricos” inseridos em relações de trabalho precárias. A nova precariedade salarial no Brasil se manifesta não apenas pelo aumento da contratação flexível, mas também pela adoção, nos locais de trabalho reestruturados, da flexibilização da jornada de trabalho e da remuneração salarial. Deste modo, os novos ambientes de trabalho que emergem nas empresas reestruturadas na década de 2000 constituem-se sob a nova morfologia social do trabalho flexível.

O trabalho precário e a informalidade social caracterizaram historicamente o mercado de trabalho no Brasil com seu amplo contingente de trabalhadores urbanos e rurais pobres sem proteção social, em contraste com o contingente de operários e empregados assalariados urbanos, inseridos no mercado de trabalho formal com vínculo empregatício por tempo indeterminado e cobertos pela legislação trabalhista. Com a nova precariedade salarial, o núcleo formal do mercado de trabalho deparou-se com novas opções de modalidades flexíveis de contratação laboral para as empresas. Apesar das contratações atípicas serem pouco expressivas no mercado de trabalho formal no Brasil, elas aumentaram nas últimas décadas nos locais de trabalho reestruturados das grandes empresas.

Na década de 2000 no Brasil, uma série de jovens trabalhadores e trabalhadoras altamente escolarizados incorporaram-se em relações salariais que, apesar de formalizadas, são precárias no sentido de terem baixa remuneração, alta rotatividade e falta de perspectivas de carreira – sem falar nos contratos atípicos de trabalho subnotificados nas estatísticas sociais, como os estágios, trabalho temporário, pessoa jurídica (PJ), cooperativas de trabalho, entre outros. Nesse período, constituiu-se a nova precariedade salarial engendrada pelo capitalismo flexível que surgiu no País com a reorganização do capitalismo brasileiro. No plano do metabolismo social, a nova condição salarial produz precocemente, na camada de jovens proletários altamente escolarizados imersos na nova precariedade social, estresse e transtornos mentais por conta da nova dinâmica do capitalismo flexível com sua carga de pressão, ansiedade e frustração.

As mudanças havidas neste últimos anos, tanto no que diz respeito ao ensino superior como no que diz respeito ao mercado de trabalho e desempenho profissional, só têm sentido se considerada a nova qualidade da demanda imposta pelo desenvolvimento capitalista do país sob interesse e égide do capital oligopolista internacional. A interpenetração entre o desenvolvimento industrial e o capitalismo internacional rearticula a funcionalidade do ensino superior no Brasil de tal modo, que "universidade praticamente passa, em uma só década, do estágio de formação das elites nacionais, como concepção, para o de formação de força de trabalho para o capital internacional ... a velha universidade dá lugar à nova, como o velho capital é substituído pelo novo". (PRANDI, 1982, p. 47).

As universidades públicas e privadas, que formam, todo ano, milhares de novos trabalhadores assalariados dispostos a se inserirem no novo mercado de trabalho e nos novos locais de trabalho reestruturados, são, conforme Alves (2012) “incubadoras do precariado”. Em dez anos, o Brasil mais que dobrou o número de concluintes na educação superior, segundo dados do Censo da Educação Superior, de 2001 a 2011, o crescimento de universitários no País foi de 110%. Por outro lado, no decorrer da década de 2000, o desemprego aumentou significativamente entre aqueles com mais de 11 anos de estudos: 36,82% em 2002, 39,84% em 2003; 43,16% em 2004; 46,19% em 2005; 47,81% em 2006; 50,70% em 2007; 52,92 em 2008; e 56,46% em 2009, segundo dados do IBGE/PME), com um leve decréscimo entre aqueles de 18 a 24 anos (1,5% entre 2002 e 2009) e um pequeno crescimento entre aqueles de 25 a 49 anos (2,4% entre 2002 e 2009).

Tenho como objetivo, nesse estudo, etnografar as perspectivas da jovens universitários no contexto de crise do mercado de trabalho no capitalismo global, de modo a compreender como estes vêm construindo sonhos, aspirações, expectativas e perspectivas com relação ao ensino superior e aquilo que imaginam venham a ser seu próprio futuro profissional. Parto dos questionamentos levantados acerca das expectativas e avaliações que estudantes da universidade de hoje apresentam nos seus percursos de formação educacional/profissional.

Acompanhando o debate nacional sobre juventude, qualificação profissional e empregabilidade tenho percebido uma permanente preocupação sobre as perspectivas dessa juventude no que se refere às mais diversas formas de inserção no mundo do trabalho. A partir de minha experiência com os jovens universitários, bolsistas ou não, de modo especial com aqueles inseridos nos grupos de estudo e pesquisa, passei a identificar as diversas situações vivenciadas por esses jovens, como preocupações, medos e dificuldades com relação ao futuro profissional, especialmente pela sua condição de jovens “mais qualificados”, que justificam as razões

Pesquisas recentes demonstram que o pessoal de nível universitário passa a ocupar funções anteriormente identificadas como próprias do ensino de nível médio bem como para o recrudescimento do subemprego para este segmento. Isso nos leva a pensar que a universidade, por si só, é hoje incapaz de garantir ocupação específica, emprego estável. status social, prestígio e rendimento nos moldes até poucos anos vigentes no país. Alves (2012) reconhece esses jovens como o novo “precariado”, que é a expressão de classe do desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social descartabilizadas pelas relações sociais de produção capitalista. Neste sentido, aplica-se

o que Mészáros caracterizou como “produção destrutiva” e a taxa de utilização decrescente do valor de uso. Para o autor, o precariado é expressão do sistema social da produção do desperdício generalizado, já que desperdiça-se a futuridade de jovens altamente escolarizados, penhorando-se suas perspectivas de carreira e mobilidade social.

Diante dessa realidade que envolve a juventude brasileira, e de modo especial os jovens universitários, senti-me instigada a realizar um estudo com jovens universitários, integrantes dos grupos de estudo da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), na cidade de Sobral-Ceará, no período de agosto a dezembro de 2013.

Analisei as narrativas dos jovens considerando-as como interpretações individuais de suas experiências acerca de suas trajetórias enquanto estudantes da universidade, bem como suas expectativas e projetos com relação ao ensino superior e naquilo que imaginam venham a ser seu próprio futuro profissional. Evidentemente nestes casos trata-se do levantamento de uma parcela da vida de um indivíduo, em cujas análises remeti à contextos estruturais contemporâneos. Tratou-se, portanto, de relatos motivados pela pesquisadora e implicando sua presença como ouvinte e interlocutora, sendo um material restrito à situação de entrevista. Vale ressaltar que considerei apenas o que foi narrado à pesquisador pelo entrevistado sem a complementação de outras fontes, no que diz respeito ao tema desta pesquisa: precariado universitário.

Nesta pesquisa utilizei como instrumentos: entrevistas, observação do cotidiano dos jovens na Universidade, como situação social, no período de agosto à dezembro de 2012; levantamento de material em jornais sobre a situação da juventude brasileira e dados oficiais da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre outros. Recorri aos trabalhos de Alves (2011, 2012), Mészáros (2012), Bourdieu (1989), entre outros. Os relatos das experiências de jovens foram aqui considerados como narrativas das histórias de vida, portanto, contêm informações, evocações e reflexões.

O artigo encontra-se dividido em (02) duas partes. A primeira trata especificamente do processo de “precarização do trabalho” decorrente da crise estrutural do capital, em cujo processo reestruturativo do capitalismo global emerge uma nova precariedade salarial, que implica uma nova morfologia social do trabalho. A partir das pesquisas de Alves (2012; 2013), Mészáros (2011), entre outros, procuro mostrar que as mudanças havidas neste últimos anos, tanto no que diz respeito ao ensino superior como no que diz respeito ao mercado de trabalho e desempenho profissional, só têm sentido se considerada a nova qualidade da demanda imposta pelo desenvolvimento capitalista do país sob interesse e égide do capital oligopolista internacional.

Na segunda parte do artigo são apresentados os relatos das histórias de vida de jovens universitários acerca das expectativas e avaliações que estudantes da universidade de hoje apresentam com relação ao ensino superior e aquilo que imaginam venham a ser seu próprio futuro profissional, sendo que na maior parte dos depoimentos os estudantes apresentam seus medos e esperanças relacionados às suas futuras oportunidades de trabalho.

2 O NOVO METABOLISMO SOCIAL DO TRABALHO E A PRECARIZAÇÃO DO HOMEM QUE TRABALHA

Segundo Alves (2012) na temporalidade histórica do capitalismo global, com a ofensiva das políticas neoliberais, afirma-se como traço estrutural do sistema mundial do capital a precarização estrutural do trabalho (MÉSZÁROS, 2009). No Brasil, apesar do crescimento do emprego por tempo indeterminado e da redução da taxa de informalidade a partir de 2003, a precariedade salarial se manifestou pelo aumento, em termos absolutos e relativos, da presença de “trabalhadores periféricos” inseridos em relações de trabalho precárias. A nova precariedade salarial no Brasil se manifesta não apenas pelo aumento da contratação flexível, mas também pela adoção, nos locais de trabalho

reestruturados, da flexibilização da jornada de trabalho e da remuneração salarial. Deste modo, os novos ambientes de trabalho que emergem nas empresas reestruturadas na década de 2000 constituem-se sob a nova morfologia social do trabalho flexível.

O trabalho precário e a informalidade social caracterizaram historicamente o mercado de trabalho no Brasil com seu amplo contingente de trabalhadores urbanos e rurais pobres sem proteção social, em contraste com o contingente de operários e empregados assalariados urbanos, inseridos no mercado de trabalho formal com vínculo empregatício por tempo indeterminado e cobertos pela legislação trabalhista. Com a nova precariedade salarial, o núcleo formal do mercado de trabalho deparou-se com novas opções de modalidades flexíveis de contratação laboral para as empresas. Apesar das contratações atípicas serem pouco expressivas no mercado de trabalho formal no Brasil, elas aumentaram nas últimas décadas nos locais de trabalho reestruturados das grandes empresas.

O crescimento das modalidades de contratação atípicas no Brasil na década de 2000 apontam para aquilo que Robert Castel denominou de corrosão da condição salarial (CASTEL, 1995). É bem verdade que as contratações atípicas possuem, em termos quantitativos, pouca expressividade no conjunto do mercado de trabalho formal no Brasil, que se expandiu na década de 2000 por meio do crescimento dos contratos de trabalho por tempo indeterminado.

Na década de 2000 no Brasil, uma série de jovens trabalhadores e trabalhadoras altamente escolarizados incorporaram-se em relações salariais que, apesar de formalizadas, são precárias no sentido de terem baixa remuneração, alta rotatividade e falta de perspectivas de carreira, sem falar nos contratos atípicos de trabalho subnotificados nas estatísticas sociais como os estágios, trabalho temporário, pessoa jurídica (PJ), cooperativas de trabalho, trabalho/estágio, “autônomos”, trabalho em domicílio e teletrabalho, entre outras tantas modalidades. Nesse período, constituiu-se a nova precariedade salarial engendrada pelo capitalismo flexível que surgiu no País com a reorganização do capitalismo brasileiro. No plano do metabolismo social, a nova condição salarial produz precocemente, na camada de jovens proletários altamente escolarizados imersos na nova precariedade social, estresse e transtornos mentais por conta da nova dinâmica do capitalismo flexível com sua carga de pressão, ansiedade e frustração.

Para Alves, a nova precariedade salarial implica não apenas a precariedade do emprego, como a presença de modalidades atípicas de contratação salarial, mas também a precariedade do trabalho no sentido da “precarização do homem-que-trabalha” (ALVES, VIZZACCARO-AMARAL e MOTA, 2011). Nesse caso, trata-se do desgaste mental do trabalho dominado, que atinge tanto os contingentes “estáveis”, com emprego por tempo indeterminado, e, portanto, cobertos pela legislação trabalhista, como também contingentes de trabalhadores assalariados “precários” do mercado de trabalho (SELIGMANN-SILVA, 1994).

A educação do precariado é movida a sonhos de realização profissional e ascensão social. No Brasil, capitalismo hipertardiado com modernidade insólita o “descompasso” entre educação e mercado de trabalho vem de longa data. Um dos jovens entrevistados ao narrar sobre a escolha do curso “dos sonhos”, assim afirma “[...] não pretendo fazer como alguns colegas de curso que não se identificam, mas pelo mercado exigir um diploma de ensino superior se vêem obrigados a fazer qualquer curso com o intuito apenas de obter o diploma.”

Já em 1982, José Reginaldo Prandi constatava no livro “Os favoritos degradados”, a existência, naquela época, de um contingente de jovens com ocupação estranha à formação universitária, jovens formandos com inserção ocupacional que, diz ele, “corrói a anteriormente sólida base dos projetos de vida individuais e familiares das classes médias urbanas órfãs do milagre brasileiro”. O autor os denomina de “favoritos degradados”. Naquela época, há cerca de trinta anos (1982), o Brasil amargava a “crise do milagre”, com a estagnação da economia que prosseguiria por quase duas décadas.

Embora nos últimos vinte anos (1990-2012), a economia brasileira tenha se reestruturado e

reorganizado de acordo com os parâmetros neoliberais, tendo retomado um crescimento no bojo da liquidez do capitalismo global da década de 2000, o fenômeno dos “favoritos degradados” assume hoje outras dimensões. Não se trata apenas de fazer a economia brasileira crescer. Na verdade, a promessa de mobilidade social se interverteu na ideologia de resignação à proletariedade flexível, o que explica, de certo modo, atitudes de pragmatismo que visam tão somente se adequar às exigências do capitalismo perverso, que, incapaz de validar as promessas civilizatórias da vida digna, cultiva o ideal da “vida fluída”, que carrega o estigma da incerteza sob o esteio da flexibilidade, que quebra, no plano da subjetividade, as possibilidades de estratégia coletiva e acirra as estratégias individuais de sobrevivência na “selva” do mercado (ALVES, 2012).

Penso que se a universidade ofertasse mais bolsas e com uma quantia mais elevada muitos dos meus amigos poderiam ter tido a experiência que tive com a pesquisa e extensão, mas infelizmente o valor pago não possibilita muitos alunos quererem ser bolsistas”, assim afirmou um jovem universitário ao narrar sua experiência enquanto estudante e bolsista, para se referir às mais diversas dificuldades de enfrentamento da formação educacional até a chegada no mundo do trabalho.

3 “A DIALÉTICA ENTRE O FEIJÃO E O SONHO”

Aqui apresento as expectativas e avaliações que estudantes da universidade de hoje apresentam com relação ao ensino superior e aquilo que imaginam venham a ser seu próprio futuro profissional. a partir das narrativas de suas experiências sociais e individuais de (03) três jovens universitários, no curso de sua formação universitária. São estudantes do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú, cujos nomes não serão identificados, recorrendo à utilização de siglas, para expressar suas falas e percepções. O objetivo será identificar características, expectativas e discursos sobre as situações vividas pelos jovens em relação a escolarização e expectativas de futuridade, no que se refere a inserção no mundo do trabalho, pós-formação superior, bem com suas relações sociais em decorrência dessas experiências.

Ressalto que privilegiei em minhas observações e análises as relações que os jovens estabelecem a partir da “opção” pelo formação superior. Também busco compreender os laços que os unem, tanto nas práticas dos indivíduos como em suas relações nestes dois mundos em comunicação, que são a Universidade e seu exterior, o local da produção do conhecimento e aquele dos modos de vida, o que em termos marxistas chamaríamos o local da produção e da reprodução, respectivamente.

Ao dispor desses dois tipos de materiais, para a vivência na Universidade, pude confrontar os discursos que ouvi com as práticas observadas. Para os ideais de futuridade¹ (sonhos e expectativas quanto ao futuro profissional), tive que passar pela mediação das representações que me forneciam.

À pergunta inicial, sobre a sua condição de jovem e estudante, como vivencia essa condição, levantando as dificuldades e esperanças. O universitário MAB, 27 anos, assim respondeu:

As dificuldades de muitos jovens hoje está na hora de conseguir emprego e ter que conciliar com os estudos. Hoje para os jovens tem vários projetos e programas que visam ocupar o ócio presente no seu cotidiano, o que vejo como positivo, sem falar nas várias vias que surgido para facilitar o ingresso da juventude no ensino superior, mas percebo que deve-se tomar cuidado para que

¹ Para Alves (2012) o capital em sua dimensão exacerbada no plano do mercado mundial, “queima” trabalho vivo altamente qualificado incapaz de ser absorvido pelo modo de produção de mercadorias. O precariado é o sintoma perverso das contradições radicais da ordem burguesa hipertardia (a perda da futuridade e a frustração das promessas civilizatórias ampliam-se com a vigência da financeirização da riqueza capitalista e a hegemonia do capital financeiro). Segundo o autor, a ideia de futuridade é crucial para delimitar a camada social do precariado. É uma camada social caracterizada especificamente pela frustração com suas expectativas de carreira profissional e realização salarial.

tipo de educação estamos direcionando nossos jovens, estamos orientando-os para uma formação humanizadora ou desumanizadora? São questões que muitas vezes não são levada em conta. O desafio que vejo que muito jovem presencia hoje é ter condições de terminar seus estudos, muitos são obrigados a largar a escola para ajudar no sustento da família ou a escola não faz sentido para ele, os conteúdos que estudei durante minha vida escolar vejo que muitos deles até hoje pra mim não tem nenhum significado e importância.

A universitária ANPAG, 25 anos, assim respondeu:

Desde muito cedo, ainda no ensino médio, já estudava e trabalhava. Acredito que pela postura da minha mãe, interesse e participação na minha vida escolar, sempre me senti motivada a estudar, com o objetivo também de buscar ascensão profissional. As dificuldades quando se trabalha e estuda são muitas. Quando se tem um filho a coisa complica ainda mais, mas é, ao mesmo tempo, um incentivo, uma motivação... durante o curso não tive oportunidade de ser bolsista, pois a bolsa exige dedicação exclusiva e o valor é baixo, para quem tem que sustentar a família. Ainda que não fosse por isso, o valor é baixo mesmo para quem tem que manter a apenas a si mesmo. Quando eu digo dificuldades me refiro também ao comprometimento de atividades importantes para quem deseja seguir carreira acadêmica.

Observo que nas condições de crise do mercado de trabalho no capitalismo global, quanto as perspectivas da juventude, os jovens estudantes aparecem como sonhadores, ansiosos e pragmáticos, expressando-se, algumas vezes, com humor, ora com temor, sua condição existencial de proletariedade. A universidade continua tendo a função de manter por mais tempo a população jovem afastada do escasso mercado de trabalho, retardando a entrada dos estudantes na vida ativa. Entretanto, tem-se a percepção da desvalorização do diploma de graduação, que exige mais tempo de estudo para capacitar-se e melhor se inserir no mercado de trabalho. A tendência que se impõe é que se produza cérebros para exercerem trabalhos simples e rotineiros em atividades de emprego e trabalho precário, como, por exemplo, os *call centers*. Apesar disso, os jovens profissionais continuam acalentando o sonho da realização profissional, conforme expressa a universitária IVAMS, 22 anos:

[...] logo após terminar o ensino médio, passei no Vestibular, foi então que começou uma grande e árdua luta, pois todos os dias tinha que me deslocar do interior para a cidade, enfrentando chuva e sol, não importando a hora. (...) decidi vir para Sobral procurar emprego ou mesmo uma bolsa de estudos. Antes já havia me interessado mais não foi possível, pois na Universidade ainda eram poucas as bolsas que existiam. Quando cheguei aqui, passei dois meses sem ganhar nada, pois não tinha experiência nenhuma em Escola e a única vaga que tinha pra mim era na Grendene, e não queria pois sabia que meu “pique” para estudar iria diminuir, portanto esperei uma bolsa da Universidade.

A maioria dos jovens coloca a necessidade de fazer especialização ou aprimoramento, como eles dizem. Enfim, uma pós-graduação capaz de lhes garantir a dita “empregabilidade”: “Para ter um bom emprego, você precisa estar se atualizando, continuar se aprimorando, para ter uma boa oportunidade”. Mas a escolha do aprimoramento continuado ou cursos de especialização e pós-

graduação tornou-se a versão atual do alongamento da escolarização, não apenas como a alternativa mais recorrente dos jovens diante do desemprego, mas como necessidades de qualificar-se melhor para acesso a certos postos de trabalho melhor remunerados, que não são para todos. A universitária ANPAG assim reflete sobre sua trajetória:

Como já adiantei, quero fazer mestrado logo. Busco também estabilidade, o que é muito importante para alguém que tem as responsabilidades que eu tenho. Busco encontrar prazer na minha profissão e reconhecimento, o que também se reflete na remuneração (já que é uma coisa, infelizmente, tão enraizada no que se refere ao magistério).

Os jovens formandos que sonham com o sucesso profissional são obrigados “a remar contra a maré”, para indicar que cada vez está mais difícil o mercado de trabalho”. Bourdieu (1983), ao comparar o sistema escolar do passado com o da atualidade, no que diz respeito aos seus desdobramentos, que entendia como relativamente claros e hierarquizados, afirma que “indo-se além do primário, entrava-se num curso complementar, numa escola técnica, num colégio ou num Liceu.” (BOURDIEU, 1983, p. 5). No entanto, tais desdobramentos eram claramente hierarquizados e não confundiam. Quanto aos desdobramentos do sistema escolar na atualidade, como estes são muitos e pouco diferenciados entre si, alerta que é preciso ser muito consciente para escapar dos “jogos dos becos sem saída’ ou das “ciladas”, e também da “armadilha das orientações e títulos desvalorizados”, entendendo que isto contribuirá para favorecer uma certa defasagem das aspirações em relação às chances reais.

No curta Galera (Projeto CineTrabalho/Práxis vídeo, 2012,), um dos jovens questiona acerca das possibilidades de alcançar o mercado de trabalho: “Está cada vez está mais difícil o mercado de trabalho”. E prossegue comentando suas perspectivas de trabalho: “Quem sabe, tentar a pós-graduação, porque hoje, com o diploma, não é igual há trinta anos, quando você tinha mais chance; era uma pessoa mais seleta que hoje. Hoje é seleta, mas não é tanto. Hoje em dia é preciso fazer uma pós-graduação, uma especialização; hoje o mercado leva você a essas especializações que demandam muito sempre da pessoa”.

Para Bourdieu (1983) o antigo estado do sistema escolar tornava os limites fortemente interiorizados e fazia com que se aceitasse o fracasso ou os limites como justos ou inevitáveis. Já o sistema atual encoraja estes jovens e suas famílias a esperar aquilo que o sistema escolar assegurava aos estudantes secundaristas no tempo em que eles não tinham acesso a estas instituições.

Como a maioria dos estudantes de Universidade Pública advém de família de baixa renda, não recebo tanto ajuda em dinheiro até mesmo por que não peço a eles, prefiro procurar uma solução, pra não ter que dá preocupação para eles, essa minha saída do ambiente familiar me ajudou e vem me ajudando a encarar os desafios que a vida me oferece, o maior apoio deles já recebo através de incentivos para continuar os estudos, palavras de motivação e sempre a frase “o que precisar se a gente puder, a gente lhe ajuda”. (MAB)

No documentário Galera, outra saída individual apontada pelos jovens universitários no último ano de graduação para driblar a inserção no “preariado” seria prestar concurso público. De modo pragmático, um das universitárias afirma categoricamente:

Sempre achei que um trabalho a gente tem que gostar para fazer bem feito, é muito difícil para um jovem conseguir um trabalho digno, precisamos primeiro ter uma boa formação, isso nem todos têm. É necessário que tenhamos

certificados que comprovem nossas qualidades, pois o que falamos não é acreditado, não adianta mais você dizer que esta cursando Pedagogia, por exemplo, é preciso pelo menos um ano de experiência, ou ter algum parente trabalhando em um determinado setor. Se não for isso não conseguimos mesmo, o que sei é que, o que garante a gente é um concurso público.(IVAMS)

A educação do precariado é movida a sonhos de realização profissional e ascensão social. Diz uma dos jovens universitárias “ Pretendo terminar a Graduação e ter pronto logo meu Projeto de Mestrado, para que futuramente seguir um Doutorado, já sendo professora universitária... tenho meu desejo próprio de crescer para me sentir realizada, não paro mesmo nenhum momento. Estudar e trabalhar pra mim é lazer” (IVAMS).

Entretanto, o sonho de ser professora universitária torna-se difícil de ser realizado quando se pondera as dificuldades do presente de precariedade salarial “ meu trabalho quase nunca esteve relacionado a minha formação, o que por vezes causava um certo desconforto... E a esperança, na verdade, a certeza de que o plantio que eu venho fazendo terá repercussão mais adiante... Bons frutos. Mas tenho planos de investir na minha carreira como Pedagogia, fazer mestrado e atuar na Educação, no ensino superior...” (ANPAGS).

Na verdade, a escolarização na ordem burguesa é um lastro de ilusões e decepção da condição de classe. O cultivo de sonhos, expectativas e valores de mercado pela juventude proletária altamente escolarizada persegue o precariado, confundindo sua condição de classe e disseminando nele a cultura do individualismo próprio do *ethos* da sociedade das mercadorias. Ao mesmo tempo, a profunda manipulação da ordem do capital os inquieta radicalmente, levando-os a se expressarem:

As dificuldades que os jovens enfrentam para ter uma formação profissional e um trabalho digno não é apenas a educação, mas junto a ela vêm vários outros elementos, a população não desfruta de direitos sociais assegurados constitucionalmente serviços públicos como saúde, saneamento básico entre outros, em nosso país vivemos mais com as privações de certos direitos do que com o uso deles.(MAB).

Importante salientar que a precarização do trabalho não se reduziu tão-somente à precarização da condição salarial, mas tendeu a assumir novas formas com aquilo que Alves (2012) vem denominando “precarização do homem-que-trabalha”, isto é, a corrosão da vida pessoal e da saúde do trabalhador, inclusive daqueles com estatuto salarial “estável”. “Deste modo, a precarização do trabalho implicou não apenas mudanças disruptivas no modo de exploração da força de trabalho, mas alterações no metabolismo social do trabalho com impactos na dinâmica da reprodução social do trabalho vivo” (ALVES, 2012, p. 5). A dialética entre o “feijão e o sonho”, afirma o autor, sonho contingente do proletariado de uma vida boa, está expressa na afirmação de outro estudante: “ O medo é de virar um profissional desonesto, medíocre, pois vivemos num mundo que a vontade crescer e se dar bem em tudo terminam por corromper as pessoas, tenho esperança de que não é por ser quem eu sou que vou conseguir os meus sonhos, vou consegui-los através da minha competência e profissionalismo” (MAB).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parti da ideia de que uma interpretação aprofundada dos acontecimentos microscópicos, como as experiências que cada jovem vem tecendo nas instituições de ensino, nas instituições de qualificação e nos locais onde aprendem a ser trabalhadores, podem torná-los exemplares. Remetem aos diferentes fenômenos que estudo: as relações com a família e com a sociedade, o ser jovem, a separação entre

entre experiência e trabalho, enfim, a construção de trajetórias nas quais se combinam a formação escolar, as relações sociais que envolvem amigos e familiares, as mutações corporais e comportamentais, elementos fundamentais para a constituição de um ser trabalhador.

Assim, como os jovens são um grupo social heterogêneo, composto por sujeitos concretos, optou-se por adotar duplamente a perspectiva da heterogeneidade para captar os diversos mecanismos mobilizados por diferentes tipos jovens, a fim de se qualificarem e conquistarem um lugar no mercado de trabalho: de um lado, a heterogeneidade entre contextos, entre diferentes grupos de jovens, ou seja, heterogeneidade estrutural, para contemplar as diferenças advindas da condição de origem e, simultaneamente, as possíveis analogias que explicitariam os elementos de uma vivência que é propriamente juvenil; de outro, a heterogeneidade dentro de um mesmo segmento juvenil, de modo a captar tanto diferenças comportamentais quanto padrões e regularidades entre idéias, práticas e contextos sociais semelhantes.

Assim, tenho em mente que: a problemática da qualificação situa-se, na maioria das vezes, justamente na transição entre escola e trabalho; o mercado tem requerido a conclusão do ensino superior como pré-requisito mínimo para considerar uma pessoa qualificada, por isso, mas também por um fenômeno de coorte, as novas gerações possuem hoje mais escolaridade; mas também vivem a transição ao trabalho de forma mais tensa, pois o desemprego cresce mesmo para os mais escolarizados; daí a promessa de mobilidade social se interverteu “na ideologia de resignação à proletariedade flexível” (ALVES, 2012), o que explica, de certo modo, atitudes de pragmatismo que visam tão somente se adequar (para sobreviver) às exigências do capitalismo.

Como o precariado é constituído por jovens altamente escolarizados, o peso da ansiedade é maior, tendo em vista que, quanto mais escolarizados, mais alimentam expectativas de uma “vida melhor”. Talvez não se trate propriamente de expectativas ou anseios pessoais, mas sim da aceitação das estratégias de mobilização subjetiva para competências específicas alicerçadas mais em atitudes e habilidades comportamentais do que técnicas, sobretudo sob o “espírito do toyotismo”, no qual se faz imperiosa a necessidade de desenvolver aptidões como capacidade de resolver problemas, de se relacionar em trabalho em grupo, criatividade, comunicação, improviso e adaptabilidade.

Os estudos dos autores abordados, em especial os de Reginaldo Pandi, sugerem pensar a universidade em sua funcionalidade para a sociedade brasileira na forma como esta se reproduz como sociedade capitalista dependente. E neste sentido, levando em conta os dados disponíveis e analisando-os sob o prisma da relação existente entre esta instituição fornecedora de força de trabalho qualificada e o mercado de trabalho o autor demonstra com muita clareza que o desempenho do ensino superior no Brasil tem sido mais do que satisfatório. A expansão verificada no ensino superior e a queda na qualidade deste ensino são elementos constitutivos desta nova universidade que está aí, elementos estes associados tanto à formação de um exército de reserva de trabalhadores de nível universitário como a alienação deste trabalhador.

Quanto aos jovens universitários, estes apresentam sentimentos e crenças contraditórias, por vezes pessimismo e decepção relacionados às suas futuras oportunidades de trabalho, ou depositam confiança no conhecimento e “oportunidade” que vêm construindo ao longo de sua formação escolar. Mas é a partir daí que situam as suas críticas, colocando a universidade como instituição hoje incapaz de acompanhar as mudanças que se dão na sociedade, especialmente aquelas referidas ao trabalho do profissional de nível universitário. Ao apresentarem suas críticas, os estudantes passam a tomar consciência da relação dos rebatimentos estruturais à sua formação individual e grupal, relacionando-a ao processo geral de transformação a que está submetida a sociedade brasileira. Tanto assim, que tendem a formular a necessidade de alterações em certas práticas, alterações essas incompatíveis com o próprio rumo que a universidade tomou em função da política de aviltamento profissional coerente com a internacionalização da economia.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **A educação do proletariado.** Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/category/colunas/giovanni-alves/>. Publicado em 17/12/2012. Acessado em 24/06/2013.

_____. **Trabalho e nova precariedade salarial no Brasil:** a morfologia social do trabalho na década de 2000 (2000-2010). Coimbra, Portugal: Oficina do CES nº 381, 2012.

_____. **Trabalho e subjetividade** – O espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

_____. **Trabalho, subjetividade e capitalismo manipulatório** - O novo metabolismo social do trabalho e a precarização do homem que trabalha.

ALVES, Giovanni; Vizzaccaro-Amaral, André Luiz; Mota, Daniel Pestana. **Trabalho e saúde** – A precarização do trabalho e a saúde do trabalhador no século XXI. São Paulo: Ltr, 2011.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-121.

CASTEL, **As metamorfoses da questão social:** uma crônica do salário. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

INVERNIZZI, Noela. Empregos precários no setor terciário: estudo de trajetórias ocupacionais de trabalhadores em risco de exclusão. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p.35-45, jan./abr. 2002.

MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico:** o socialismo no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2007.

PRANDI, Reginaldo. **Os favoritos degradados;** ensino superior e profissões de nível universitário no Brasil hoje. São Paulo, Ed. Loyola, 1982. 135 p.